

CINCO NA MESMA VAGEM

CONTO DE ANDERSEN



N'uma vagem estavam cinco ervilhas. Estavam ainda verdes e verde era tambem a vagem; por esta razão acreditavam que o mundo era verde; — que o leitor se considere na posição das ervilhas, e facilmente perceberia esta illusão. Crescia a vagem, cresciam as ervilhas, tendo sempre o cuidado de se conservarem bem alinhadas e nas respectivas distancias.

O sol aquecia a vagem; a chuva e as gotas de orvalho a tornavam clara e transparente, e assim, durante o dia, gozavam as ervilhas uma doce claridade e durante a noite as trevas lhes favoreciam o somno. Mas, crescendo, tornaram-se sérias e scismadoras.

— Então ficaremos sempre aqui? disse uma d'ellas. Muitas coisas ha de haver lá fóra dignas de admiração.

Passaram algumas semanas e ellas amarelleciam.

— Agora está tudo amarelo, diziam as cinco ervilhas; muitas voltas dá o mundo.

Subitamente sentiram uma viva commoção; um homem arrancara a vagem e a lançára n'um cesto com muitas outras.

— Ora enfim, vamos ter a liberdade, disse-

ram as ervilhas; e esperavam com impaciencia o grande e venturoso momento.

— Qual de nós irá mais longe no mundo, e chegará a uma posição mais elevada? disse a mais pequena das cinco. Em breve o saberemos.

— Seja feita a vontade do Senhor! disse a maior, com sincera resignação.

Traz! abriu-se a vagem: e as cinco ervilhas rolaram na mãosita d'um rapaz.

— Oh! que bellas balas para a minha espingarda! exclamou elle, e metteu uma no tubo de lata e largou a espiral.

— Vou correr mundo, pensou a ervilha cheia de entusiasmo. E desapareceu.

O rapaz introduziu a segunda no cano.

— Agora vou parar ao sol, pensou a ervilha, descrevendo a sua parábola. Que vagem tão quentinha que hei de ter lá.

As tres ervilhas restantes, menos ambiciosas, assustaram-se vendo as grandes cambalhotas das suas companheiras, e deixaram-se escorregar e cahir no chão; mas o rapazito apanhou-as tambem, dando lhes o mesmo destino.

— Chegou a minha vez, disse a ultima, cumprase a vontade do Senhor! e foi cahir na janella d'uma casa pobre, antes uma choupana, n'uma fenda cheia de musgo e terra.

O musgo em breve cercou e envolveu o pequeno grão. Na choupana morava uma infeliz mulher que vivia de fazer recados e de pesados trabalhos. Aceitava os trabalhos mais custosos, porque era forte e corajosa e... era mãe; e a filha, uma creança pallida e loura, fluctuava, havia quasi um anno, entre a vida e a morte.

— Tambem esta vai para o ceu, dizia a pobre mãe; vae juntar-se á irmãsinha. Meu Deus! já me levastes uma, deixae-me esta, Senhor! Estás tão doente, tão fraca, parece-me que não escapas, filha!

Chegou a primavera, e, uma manhã, quando a mãe ia sahir, o sol, rompendo a nevoa, illuminou com tal intensidade a janella da choupana, que a doente olhou para lá admirada.

— Parece-me, disse ella, vêr o que quer que é, a tremer, ali na janella. Que é?

A mãe abriu a janella.

— Olha a graça! disse ella, é uma ervilha que está aqui entre o musgo; já tem umas folhinhas; como viria ella aqui parar?

— Não a arranque, mãe, deixe vêr se ella cresce muito...

— Não, filha, não a arranco. Queres vê-la mais de perto?

E aproximou o leito da janella, para que a

filha visse melhor a planta delicada; depois abraçou-a e sahio.

A noite, assim que entrou, disse-lhe a pequena:

— Já estou melhor, fez-me bem o calor do sol, e, olhe, vendo como a ervilha ali nasceu e vaes crescendo, pensei que me havia de curar e que o sol e o ar me fariam bem.

— Queira Deus! respondeu a mãe, ainda assim com bem pouca esperança.

No dia seguinte a pobresinha rodeou a ervilha com um pequeno caniçado; passados dias as hastes verdes e sarmentosas se entrelaçavam cheias de viço e frescura, e não tardou muito a apparecer a primeira flôr.

— Feliz presagio! pensou a mãe, e começou a ter também esperanças na cura da pobre criança. A doentinha fallava já com mais animação; levantava-se e assentava-se sem ajuda, e olhava sempre com o maior prazer, com afeição até, a planta que revestira a janella com um cortinado de verdura.

Uma semana mais tarde, podia ella já estar algumas horas fóra do leito, todos os dias. Assentava-se junto da janella e ahí, em companhia das flôres alvas e rosadas, gozava da suavidade do ar e do calor do sol.

— Foi o bom Deus, dizia a alegre mãe, foi o bom Deus, minha filha, que fez crescer a pobre planta n'uma fenda cheia de musgo para que o seu aspecto alegrasse os teus olhos e nos dêsse a ambas coragem e esperança.

E as outras ervilhas? que seria feito d'ellas? Uma cahira n'um telhado e foi engulida por um pombo, e a mesma sorte tiveram as outras duas; sempre serviram para alguma cousa.

A outra, a tal que desejava ir para o sol, cahiu mesmo no meio da regueira, e ahí ficou, na lama, cada vez mais inchada.

— Se isto continua, dizia ella, arrebentarei sem duvida. Estou certa que nenhuma outra ervilha attingiu um tão collossal desenvolvimento; das cinco que estavam na mesma vagem sou eu a mais notavel, mas muito mais notavel. Talvez minhas irmãs tenham alcançado posições eminentes? Mas o importante é engordar.

Um dia a rapariga da choupana, completamente restabelecida, os olhos brilhantes, as faces rosadas, approximou-se da janella, elevou ao ceu as mãosinhas postas e do intimo do seu coração agradeceu a Deus o ter-lhe restituído a saude, e o ter poupado á mãe a dôr immensa de vêr morrer a sua ultima filha; e depois inclinou o olhar sobre a planta, que tinha as folhas ainda verdes, mas cujas flôres haviam já sido substituidas por formosas vagens.

— E tu, minha pobre planta, verde como a esperança e que foste para mim o primeiro signal da protecção divina, tu não tardarás a amarellecere e a secchar. Mas eu não te esquecerei; collherei os teus grãos e todos os annos os teus descendentes crescerão tratados pelas minhas mãos aqui n'esta janella; e as suas flôres serão sempre para mim as mais encantadoras e mi-mosas.

E a ervilha, confiada n'esta promessa da innocente, regozijou-se pensando que o beneficio d'ella seria util á sua posteridade.

— Seja feita a vontade do Senhor! repetia ella. Pobre ervilha como sou, a minha existencia limita-se a uma estação; mas como é agradável pensar que hei de sobreviver nos filhos, e que elles serão ainda protegidos pelas recordações que eu deixar! Não será este um modo de ir longe, bem longe no mundo?

E no entretanto a regueira lá ia levando a sua agua fetida e turva, murmurando:

— Cá levo a minha ervilha. Tanto engordou, tanto se saturou de lama, que se desfez em podridão. Não deixou nem um germen, nem uma lembrança. Serviu apenas para ajuntar alguns atomos sem nome aos que eu tenho já e que servem para alimentar a terra e os animaes immundos. Fim dos ambiciosos! Querem a principio ir para o sol e quando lhes succede cahir na lama, acham-se tão bem, tão no seu elemento, que não pedem mais nada. A este respeito as ervilhas parecem-se muito com os homens.

GABRIEL PEREIRA.

FIEL

AO MEU AMIGUINHO JOÃO DE PENHA SALEMA COUTINHO

Elle era um bom canito
Amigo de seu dono,
Um louro pequenito
A quem velava o somno.

Chamava-se Joãosinho
O jovial menino;
Do pae — doce carinho;
Da mãe — amor divino.

Um dia, vendo exangue
Fiel, seu companheiro,
Bateu e fez-lhe sangue
Fugindo, galhofero.

Passado tempo, estava
Joãosinho ao pé d'um lago
E entre os rosas brincava
Fazendo grande estrago.

Mas eis que de repente
Escorregando, afflicto,
No lago transparente
Cahiu, soltando um grito.

Fiel, que estava ao lado,
Attento, vigilante,
Lançou-se logo a nado
Salvando-o, hilariante!

E o dono enternecido
Affaga-lhe o bom peito,
Lembrando, arrependido
O que lhe tinha feito!...

Cuba.

MATHEUS PERES.

QUEM PAGA A CONTA?

(COMEDIA)

PERSONAGENS

ANSELMO
EUZEBIOUM CRIADO DA CASA DE PASTO
O DONO DA DITA*(A scena passa-se no gabinete d'uma casa de pasto. Ao levantar-se o panno, dois frequentes estão sentados á meza, acabando de jantar.)*

SCENA I

EUZEBIO E ANSELMO

ANSELMO — Á tua saude, Euzebio!

EUZEBIO — Á tua, Anselmo! *(Tocam os copos e bebem.)*ANSELMO *(depondo com ruido o copo sobre a meza)* — Ah! isto agora já está melhor! Não achas?

EUZEBIO — Acho, sim! O que é pena é a gente não poder tratar-se assim todos os dias.

ANSELMO — Tomavas assignatura, hem?...

EUZEBIO — Oh! se tivesse dinheiro, era logo!

ANSELMO — Então não tens dinheiro? Mas sempre chega para o numero de hoje...

EUZEBIO — Que numero?

ANSELMO — A conta.

EUZEBIO *(muito admirado)* — Qual conta?...

ANSELMO — Ora essa! a conta da despeza do jantar.

EUZEBIO *(com espanto)* — Mas tu é que me convidaste...

ANSELMO — É verdade; portanto, pertence-te pagar.

EUZEBIO — Sempre brinçalhão! Quero corresponder á tua fineza: convidado-te para jantarmos amanhã.

ANSELMO — Aceito. Paga tu hoje, que eu pagarei amanhã.

EUZEBIO — Com todo o gosto... o peor é que não tenho vintem.

ANSELMO — É boa! pois nem eu!

EUZEBIO — Então...

ANSELMO — Então... vá lá mais um copinho. *(Enche os copos.)* Á tua saude, Euzebio!EUZEBIO — Á tua, Anselmo! *(Bebem.)*ANSELMO — Que te parece este madeira? *(Levantase e desce no proscenio.)*EUZEBIO — É um nectar! *(Levanta-se igualmente.)*

ANSELMO — E não te faz nascer idéas?

EUZEBIO — Idéas talvez... dinheiro é que não.

ANSELMO — Uma idéa boa vale dinheiro. Dize lá qual é a tua idéa.

EUZEBIO — Entendo que é necessario pedir credito; pagarás amanhã.

ANSELMO — Eu? então esqueces-te que hoje te pertence a ti?... A minha idéa é melhor do que a tua.

EUZEBIO — Venha ella.

ANSELMO — Vel-a-hás em acção. Faze o que eu fizer.

EUZEBIO — Não percebo...

ANSELMO — Logo perceberás. Faze como eu e dize o que eu disser.

EUZEBIO — Vá lá isso! Começa. *(Á parte.)* Me mellem se eu o entendo!ANSELMO *(gritando)* — Olá, rapaz! *(Torna a sentar-se á meza.)*

EUZEBIO — Cala te, homem! Olha que nos trazem a conta!

ANSELMO — É justamente o que eu quero. Queres segundar o meu plano, ou não queres?...

EUZEBIO — Quero sim. *(Senta-se em frente do outro.)*ANSELMO — Pois n'esse caso, guarda para ti as tuas reflexões, e repete o que eu disser. *(Gritando e batendo ao mesmo tempo com a faca no prato.)* Rapaz! avia-te!EUZEBIO *(imitando o companheiro)* — Rapaz! avia-te!CRIADO *(fóra)* — Prompto!

ANSELMO — Traze a conta.

EUZEBIO — Traze a conta.

CRIADO *(fóra)* — Os senhores tomam café?

ANSELMO — Não; vamos tomal-o ao botiquim allí defronte.

EUZEBIO — Vamos tomal-o ao botiquim.

CRIADO *(fóra)* — Bem, bem; ahí vai já a conta.ANSELMO *(baixo)* — Dize-me cá, Euzebio: transformaste-te em papagaio?

EUZEBIO — Papagaio! Então não me disseste que repetisse...

ANSELMO — Pois sim, mas com algumas variantes.

EUZEBIO — Depois de jantar não é facil achar variantes.

ANSELMO — Nem o madeira te inspira?

EUZEBIO — Em summa, farei a diligencia. Mas se tu me communicasses o teu plano, evitaria alguma anseira...

ANSELMO — Pois elle ahí vai em duas palavras. O criado apresenta a conta; eu quero pagar, tu não consentes; muitas delicias de parte a parte, e... *(ouve-se os passos do criado.)* Caluda! E' elle. Confia em mim!

SCENA II

OS MESMOS E O CRIADO

CRIADO — Aqui está, meus senhores. *(Apresenta a conta.)*ANSELMO *(pegando na conta e examinando-a)* — 3⁰⁰200 réis. Não é caro.EUZEBIO *(assustado e levantando-se)* — Não é caro? é carissimo!...ANSELMO *(erguendo-se)* — Que te importa que seja caro ou barato, se sou eu quem paga? *(Mette a mão no bolso.)*EUZEBIO *(recordando-se)* — Não, não! Pago eu. *(Ao criado.)* Não aceites dinheiro. Isso é commigo. *(Mette a mão no bolso.)*CRIADO *(encolhendo os hombros)* — Tanto me faz um como outro.

ANSELMO — Não consinto que me façam uma tal desfeita. Eu é que pedi a conta, eu é que devo pagar.

EUZEBIO *(procurando apressadamente nas algibeiras)* — Tambem eu a pedi. Pago eu.

CRIADO — Pois pague cada um a sua parte.

ANSELMO Nada, nada, quero pagar tudo.

EUZEBIO — E eu tambem.

CRIADO *(em ar de graça)* — Pois paguem ambos, que eu aceitto.ANSELMO — Ai! que maganão! *(A Euzebio.)* Peçolhe que não insista.

EUZEBIO — Não, não, meu caro amigo; de modo algum.

ANSELMO — O melhor é recorrer á sorte. São precisas duas palhinhas. (Quer tirar um bocado de palha a uma cadeira.)

CRIADO (oppondo se) — Não é necessario; tenho aqui phosphoros. (Tira dois phosphoros da algibeira, parte um ao meio, e, fechando um em cada mão, dá a escolher aos dois freguezes.) Escolham.

ANSELMO (tira um phosphoro da mão do criado — triumphante) — Tenho o maior!

EUZEBIO (que tem agarrado o outro phosphoro — triumphante) — Tenho o mais pequeno!

ANSELMO — Isto é um momento.

CRIADO — Então a quem tapam os olhos?

ANSELMO — A ti.

CRIADO (zangado) — A mim?... Não gosto de brincadeiras.

ANSELMO — Bom; então aceita o meu dinheiro. (Procura nos bolsos.)

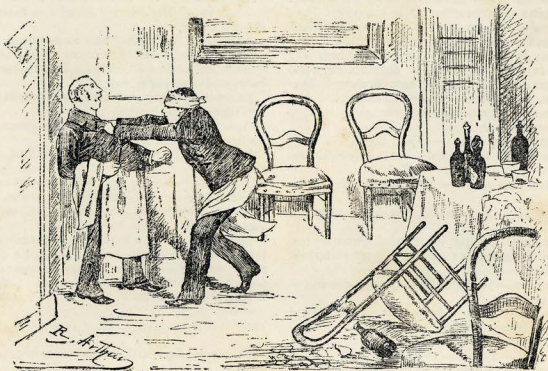
CRIADO — Ainda o não recusi.

EUZEBIO (interpondo-se) — Não quero que elle pague! Toma lá dinheiro. (Busca nas algibeiras.)

ANSELMO — Opponho-me com todas as forças!

CRIADO — Isto já me vae cheirando a morrão!

ANSELMO — Tens razão, rapaz. É necessario



Até que o pilhei! O senhor é quem paga a despeza!...

CRIADO — Esqueceu dizer se era o mais pequeno ou o maior que pagava!

ANSELMO — É verdade! (Riem todos tres.)

EUZEBIO — Vá lá outra vez.

ANSELMO — Paga quem tirar o bocado mais pequeno.

CRIADO (apresentando a Anselmo as duas mãos com os phosphoros) — Tire.

ANSELMO (tirando os dois phosphoros) — Tiro os dois: (A Euzebio.) Toma lá o maior. Pago eu. (Vae a metter a mão no bolso.)

EUZEBIO (agarrando-lhe o braço) — Não consinto. Isso não é do jogo.

ANSELMO — Occorre-me uma idéa!

EUZEBIO } O que é?

CRIADO }

ANSELMO — Vamos jogar a cabra-cega.

CRIADO (po-do-se muito serio) — Os senhores estão a fazer-me perder o tempo; o patrão vae de certo ralhar commigo.

acabar por uma vez. Deixa-me tapar-te os olhos.

(Tira um lenço do bolso.)

CRIADO — Terei ao menos uma boa gorgeta?

ANSELMO — Socega; terás duas. (Venda os olhos ao criado, fazendo-o dar depois umas poucas de reviravoltas.)

CRIADO (procura ás apalpadellas esbarrando com as cadeiras, ao passo que os freguezes lhe fogem nas pontas dos pés. De repente, Anselmo colloca-se-lhe de proposito ao alcance da mão) — Cá está um!

Paga o senhor!

EUZEBIO — Protesto! Elle deixou-se agarrar de proposito!

CRIADO (agarrando Euzebio) — Então será o senhor!

ANSELMO — Alto lá! Não cedo. O melhor é recommear. (Venda de novo o criado e recommença o jogo; mas d'esta vez é o Euzebio que se deixa agarrar.)

CRIADO — Agora! Pode pagar.

ANSELMO — Qual paga nem meio paga. Entre-gou-se de proposito. (A Euzebio, offendendo.) Isto não se faz, senhor.

EUZEBIO — Segui o seu exemplo.

ANSELMO — Bem, bem, estamos quites. Toca a principiar.

CRIADO (tirando o lenço que levantara para a testa) — Para brincadeira já basta!

ANSELMO — Tens razão; basta. (Mettendo a mão no bolso.) Toma lá uma libra... (Procura.)

EUZEBIO (interpondo-se) — Nada, nada. Ah! tens uma libra; paga-te. (Procura também no bolso.)

CRIADO (zangado) — Vou chamar o patrão; entendam-se com elle.

ANSELMO — Ah! não queres a gorgeta?

CRIADO (mais brando) — Olhem que é bem ganha.

EUZEBIO — Eu dou-te cinco tostões.

ANSELMO — E eu dou-te outros cinco. Ora vá lá. Agora é certo. Conservar-nos-hemos a distancia, sem arredarmos pé. O primeiro que fôr agarrado, paga.

EUZEBIO — Justamente.

(Anselmo tapa de novo os olhos ao criado, e recomeça o jogo da cabra-cega; mas em quanto o criado procura, os dois amigos safam-se pé ante pé.)

SCENA III

O CRIADO, depois o PATRÃO

CRIADO (só, procurando por todos os lados) — Não vale fugir. Os senhores prometteram estar quietinhos. (Continúa a procurar, mas sem resultado, até que vae de encontro a uma pilha de pratos, que cahem no chão. O patrão acode á bulha dos pratos e grita: o criado agarra o, gritando:) Até que o pilhei! O senhor é quem paga a despeza!...

PATRÃO — Ah! grande patife! Por isso tu não me appareces há bôa meia hora!

CRIADO (muito espantado, tirando o lenço) — Ai que é o patrão!...

PATRÃO — É verdade, sou eu. Onde estão os freguezes?

CRIADO — Andava á procura d'elles.

PATRÃO — Com um lenço nos olhos?...

CRIADO — Jogavamos a cabra-cega, para ver quem pagava a despeza.

PATRÃO — E eu é que fui agarrado!

CRIADO (com timidez maliciosa) — Elles safaram-se... Creio que é o patrão quem paga...

PATRÃO (furioso) — Ah! mariola! deixas-me roubar, e ainda por cima caçoas! Vai custar-te cara a brincadeira! (Tira das mãos do criado o lenço de Anselmo, e bate-lhe com elle. O criado fuge d'um lado para outro, derrubando as ca deliras.)

CRIADO (parando e esfregando os hombros) — Basta, patrão, basta! Tenho já as costas cheias de nodos negras! É impossível que o maldito lenço não tenha algum nó! Olhe, cá está um na ponta. Parece que tem dentro alguma coisa...

PATRÃO — As tuas costas é que o dizem, maroto! (Desfaz o nó e encontra uma libra.) Ah! os ladrões ficaram roubados! (Mostra triumphante a libra.)

CRIADO (em tom supplicante) — O patrão, a conta, e já bem salgadinha, não passa de tres mil e duzentos; o resto deve ser a minha gorgeta.

PATRÃO — Ainda tens bocca para fallar, bré-geiro! Se dizes mais uma palavra, faco-te pagar os pratos que partiste! Esta *loirinha* pertence-me! (Mette a libra na algibeira do collete.)

CRIADO (choramingando) — Pagar os pratos? as minhas costas já os pagaram generosamente.



Esta *loirinha* pertence-me!

PATRÃO — Está bom; não quero saber dos pratos. Mas para a outra vez não te deixes embaçar. Dou-te o lenço, e não ficas mal. (Atrah o lenço.)

CRIADO (apanhando o lenço) — E eu que contava ganhar duas *carinhas*! Paciencia! Sempre guardo o lenço. Servir-me-ha para enchugar as lagrimas e pensar as feridas.

FIM

JOGOS DE PRENDAS

O PEREGRINO

O presidente do jogo diz: senhores, aqui chega este peregrino que vem esfarrapado e pede que d'elle tenham compaixão; por tanto vos supplico que o vistaeis.

Todos responderão: *é muito justo*; e proseguindo, o presidente começará pelo jogador da sua direita, dizendo: *que lhe dá o senhor?* este responderá, por exemplo, *sapatos*; o que se lhe segue, *chapeu*, e assim irão dizendo todos os da roda aquillo que bem lhes pareça, até esta se acabar.

Feito isto, dirige-se o presidente, por exemplo, ao jogador da direita d'elle, que disse *dava sapatos*, e tecendo uma conversação lhe dirá: *mas senhor, é possível que lhe não dê mais que os sapatos?* e este lhe responderá sempre repetindo a sua promessa, *porém, senhor, veja que não tem mais do que uma camisa, e será o*

senhor tão cruel que lhe não dê outra? e responderá sempre e constantemente, *sapatos*.

Se por acaso ou descuido disser, sim senhor, não senhor, bem está, dar-se-lhe-ha, ou cousa semelhante, e também, se em lugar do que escolheu, disser outra qualquer cousa já prometida por outro, ou ainda não mencionada, pagará prenda.

(Dos *Recreios Collegiaes*.)

SONHO INFANTIL

DO POEMA «JOANNINHA»

— Sonhei, ó mãe, que o seu Christó
Se riu muito para mim.
Sorri-me, sorriu-se, e n'isto
Desce da cruz de marfim!

«Deu-me um osculo na face,
E, depois que me beijou,
Disse que não apagueis
O signal que lá deixou.

«Dei-te agora a côr do pejo,
«Devel-a tu só a mim.
«Que sempre que é puro um beijo,
«Nasce do beijo um rubim...»

«Disse. Mas não ficou n'isto!
Quiz-me até levar consigo!
Mãe, não suppoz que o seu Christó
Era assim tão meu amigo!

Deu-me outro beijo na face
E outra vez me disse — Vem.
Pedi-lhe que me deixas e...
Tinha saudades da mãe.»

ALBERTO PIMENTEL.

A FOGUEIRA SALVADORA

Na parte mais occidental da Europa, isto é, na Laponia, onde o gelo cobre o mar durante oito mezes, e onde os invernos são tão frios e tristes que dissera-se ser aquelle um paiz esquecido de Deus, os homens têm de limitar-se a ser pastores ou pescadores. O peixe que alli mais abunda é o bacalhau.

Hartius era um pescador pobre, como todos os seus companheiros. Na sua cabana de madeira havia apenas alguns bancos, pelles de phoca, loiça grosseira de barro, e nas paredes rêdes penduradas, que elle mesmo fazia. Não obstante, Hartius era feliz. Cantava todo o dia. Quando ao romper d'alva se dirigia para o mar, Nilsa, sua mulher, acompanhava-o até ao barco, ajudando-o a transportar as rêdes. O marido entrava para o fragil batel, e ella, com o filhinho ao collo, sentava-se n'um dos rochedos da praia, vendo afastar-se pelo Oceano Glacial, mar branco e perfido, o barquinho onde ia o esposo da sua alma.

— Adeus, Hartius! — gritava ella. — Que Deus te proteja!

Hartius correspondia á invocação de sua mulher erguendo para o céu o seu barrete de pelles.

Nilsa voltava então para a cabana, a tratar dos arranjos caseiros.

Um dia, Hartius tardava mais que de costume.

Era já noite cerrada, apesar de serem apenas quatro horas. O vento, soprando com violencia, açoitava as ondas alterosas, que gemiam tristemente.

Nilsa previa uma tempestade, uma d'essas tempestades de neve, mil vezes mais perigosas que os cyclones, e que envolvem os pescadores n'um nevoeiro gelado, de que raro pôdem desembarçar-se. Nilsa, muito inquieta, cobriu o seu filhinho com uma pelle de renna, e encaminhou-se para a praia, na esperança de avistar a barca de Hartius. Mas a pobre não viu senão nuvens negras baixando até á superficie das aguas. Nilsa foi buscar alguns ramos resinosos e accendeu na praia uma grande fogueira. Esta viva claridade, que chegava até muito longe, poderia servir de pharol ao pobre Hartius e qual-o.

De joelhos ao pé da fogueira, que não deixava esmorecer um momento, Nilsa implorava fervorosamente a misericordia divina para seu marido.

Havia já tres horas que a pobre rapariga supportava a mais cruel anciedade, quando de repente, em meio do ruido das ondas, ouviu distintamente a bulha de remos batendo na agua... Uma voz conhecida pronuncia o seu nome, chamando... Era Hartius!

Nilsa soltou um grito de alegria, e viu finalmente a combatida barca dirigir-se para a praia. Corre ao encontro do marido, abraça-o e agradece a Deus o ter poupa-do a vida ao pae de seu filho.

Hartius tira para terra as suas rêdes cheias de peixe, e, ajudado pelos seus companheiros, puxa para a areia, para logar seguro, o valente barquinho. Depois, encaminha-se para a cabana, onde o espera a reparadora ceia, sendo o seu primeiro cuidado ir beijar o filhinho, que dorme socegradamente no berço.

— Deus seja louvado! — exclamou Nilsa. — Que medo tive de te perder, Hartius! O tempo estava tão mau!...

— Tu é que me salvaste! — disse o pescador, abraçando novamente a esposa. — A tua coragem, a tua perseverança, fizeram com que eu pudesse chegar a terra. Perdido nas trevas do nevoeiro, teria infallivelmente errado o rumo, se não fosse a tua salvadora fogueira. Ao principio parecia-me a luzinha d'uma estrella, depois, pouco a pouco, vi-a crescer, crescer, e, passadas duas horas, chegava á praia. Bem vês, Nilsa, devo-te a vida!

— Pois em troca, Hartius, promette-me não tornares a embarcar quando o tempo estiver ameaçador. Um pae de familia não deve expôr os seus dias.

Hartius prometteu e cumpriu. Quando a tempestade bramia, deixava-se ficar tranquillamente na cabana, occupando-o em concertar as suas rêdes, ao passo que Nilsa embalava o filho.

Longe dos centros do luxo e dos prazeres ruidosos, aquelle abençoado casal vivia feliz na sua obscuridade, podendo servir de modelo de paz e amor aos que preferem a vida agitada das grandes cidades.



VERSOS AO JULIO

A AMIGA DOS PASSARINHOS

Mal nasce o dia, Isabel,
Toda afagos e carinhos,
Corre ligeira ao vergel
Em busca dos passarinhos.

Ali contente ajoelha
A Isabelinha, gentil
Como uma rosa vermelha
Por madrugada d'abril.

Então maviosa solta
A sua voz fresca e bella
E os pintasilgos em volta
Cantam alegres com ella.

Em quanto dura o almoço
De alpiste e olhinhos de alface,
Poisam-lhe sobre o pesçoço
Dando-lhe beijos na face.

Depois ergue-se d'um salto
E vai correndo ligeira,
Ascende o monte mais alto,
Desce ás margens da ribeira.

Em passinhos vaporosos
Entre os silvedos deslisa,
Co'os seus cabellos formosos
Soltos ao gosto da brisa.

E as cotovias do monte,
Seguindo-lhe o largo passo,
Veem-lhe adejar sobre a fronte
Veem-lhe poisar no regaço.

E se ella, enferma no leito,
Não vem um dia ao vergel,
Choram as aves: — Que é feito
Da nossa meiga Isabel?...

ALEGRIAS

Ao dirigir-se para a igreja, onde tinha de prégar, um padre disse ao criado que fosse buscar a taberna do David um prato de fressura, e que depois lhe mandava o dinheiro. O criado foi cumprir a ordem e voltou á igreja quando o sermão estava em meio. N'essa occasião, o bom do pregador citava diversas autoridões para corroborar a sua these. Fallára já n'uns poucos de prophetas, e referia-se agora ao rei psalmista, bradando:

— E a esse respeito o que disse David?

— O que disse? — respondeu o criado em voz alta e sonora — disse que sem dinheiro não manda a fressura!

As gargalhadas romperem de todos os lados.

Estava de cama, havia dias, um grande amigo da pinga.

— O' Maria — diz elle á mulher — vae vér que tal está o tempo.

— Olha, não penses em sahir; o ceu está um pouco toldado.

— Ah! — suspirou o incorrigível bebedor — quem me déra estar como elle!

— Não sabe senão dizer tolices! — dizia um sujeito dinheiroso e mal educado, abusando assim da humildade do seu interlocutor.

— Algumas vezes commetto o crime de as ouvir —olveu o offendido — e agora apanhou-me V. Ex.^a em flagrante delicto.

Um grande comilão barbeava-se diante d'um amigo que o fóra visitar. De repente, suspendeu a navalha e disse:

— Ora não me saberás explicar o motivo porque tenho os cabellos ainda pretos e as suissas estão já todas brancas?

— É facil a explicação — respondeu o amigo — é que durante a tua vida tens feito mais uso dos queixos que da cabeça.

Dizia um aeronauta gascão:

— Subimos tão alto, que chegámos a vér a terra do tamanho d'uma noz. Ah! foi preciso fazer uma pontaria muito certa para lhe cahirmos exactamente em cima!

— Que queres tu ser quando fores homem? perguntava o pae ao filho.

— Quero ser aquelle que faz os almanachs.

— Para quê, meu filho?

— Para pôr tres domingos em cada semana.

SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

108. Chacal — 109. Pedão — 110. Giria — 111. Picarso — 112. Lisboa. (Esta charada veiu errada no numero das syllabas. Ainda assim foi adivinhada).

HORAS ENTRETIDAS

113 — CHARADA

(SOS DISTINCTOS CHARADISTAS CUNHA & C.^a)

Soberano muito nobre — 1

E quilate de espantar — 2

Indo á India, de certo

Esta moeda ha de achar.

Vizeu

TRAVESSO & C.^a

114 — CHARADA

Não é lá, não — 1

Não é pra mim — 1

Interjeição — 1

Eu sou assim.

O PENTEDINHO.

115 — METAGRAMMA

Ahi vae leitor amigo
Um metagramma d'esta'lo,
Onde nairo uma viagem
Que me causou muito abalo.

No domingo eu sahi
D'uma cidade de caes,
E logo pela primeira
Encontrei dois allemães.

Cheguei aqui na segunda,
Alto, gordo e valente,
Tive logo em minha casa
Visitas de muita gente.

Mas na terça, ó desespero,
Eu me molesto n'um callo,
Não pude sahir na quarta,
E já não pude pagal-o.

Só na quinta, «Deo gratias»
Entro no antigo estado,
Foi effeito do jornal,
Onde tenho matutado.

Vizeu

Béné.

116 — CHARADA DECAPITADA

Fui a — onde se emprega o — sem ser na —

FLOR DE LOUBROSA.

117 — CHARADA NOVISSIMA

Quem está alegre n'esta provincia corte — 1 — 2

Monchique

CUNHA & C.^a

118 — CHARADA NOVISSIMA

Muito compadecida não falla verdade este adverbio — 9 — 2

119 — CHARADA NOVISSIMA

Esta alga não existe, é uma bebida — 2 — 2

Vizeu

O NETO DO AVÓ.

120 — CHARADA NOVISSIMA

Todos temos de madeira este peixe — 2 — 1

Balen

FANTOCHE.

121 — CHARADA NOVISSIMA

Aqui tem o rato do milho — 1 — 2

122 — PERGUNTA INNOCENTE

(A FANTOCHE)

Fantoche, meu bom Fantoche,
Descendente dos Cabraes,
Diga lá, ó seu *gravoche*:
Qual a villa lusitana
De que os padres gostam mais?

Vizeu

O PEQUENO ANTONINHO.